

Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Eixo temático: Serviço Social: fundamentos, formação e trabalho profissional

Sub-eixo: Formação profissional

**MOVIMENTO ESTUDANTIL DE SERVIÇO SOCIAL (MESS):
CONTRIBUIÇÕES PARA A (RE)CONSTRUÇÃO DA PROFISSÃO E DESAFIOS
CONTEMPORÂNEOS**

LUCIANA GONÇALVES PEREIRA DE PAULA ¹

JUDE DE OLIVEIRA BENTO DA SILVA ²

Resumo: o artigo tem o objetivo de demonstrar a importância do MESS na (re)construção de nossa profissão. Traz uma introdução; breve apresentação da trajetória do MESS; reflexões sobre como MESS foi atuante no desenvolvimento do Serviço Social; os principais desafios que se colocam para o MESS, no contexto atual; e, por fim, considerações finais que demonstram o legado do MESS para a nossa profissão.

Palavras-chave: Serviço Social; movimento estudantil, formação profissional.

Abstract: the article aims to demonstrate the importance of MESS in the (re)construction of our profession. Provides an introduction; brief presentation of the MESS trajectory; reflections on how MESS was active in the development of Social Work; the main challenges facing MESS, in the current context; and, finally, final considerations that demonstrate the legacy of MESS for our profession.

Keywords: Social Work; student movement, professional training.

Introdução

“Entusiasmo vem de uma palavra grega que significa ‘ter os deuses dentro’. E cada vez que vejo que os deuses estão dentro de uma pessoa, eu digo: ‘Isso é o que faltava para me convencer de que viver vale a pena’. Vivemos num mundo infame, muito pouco alentador. Mas, há outro mundo na barriga deste, esperando. Que é um mundo diferente. Diferente e de parto difícil. Não nasce facilmente. Mas com certeza pulsa no mundo em que estamos.”

Eduardo Galeano

¹ Universidade Federal de Juiz de Fora

² Universidade Federal de Juiz de Fora



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Vivemos, hoje, tempos sombrios. É um “mundo infame” – nas palavras de Galeano –, devastador em todos os sentidos, âmbitos e esferas. Podemos afirmar que o período contemporâneo da modernidade tem se caracterizado por alguns elementos “neomedievais”. Um tempo que nos apresenta, de maneira contraditória, inegáveis avanços civilizatórios acompanhados de ondas de obscurantismo, irracionalismo e fundamentalismo. A contradição está presente, também, nas relações sociais que devastam o planeta, sem o qual não asseguramos a nossa própria sobrevivência.

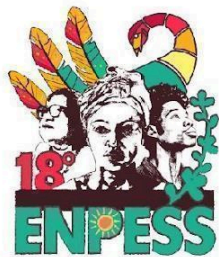
Embora as guerras, a destruição dos recursos naturais em larga escala e de forma progressiva, o genocídio de populações inteiras, o ódio entre povos de diferentes culturas e outros horrores desses tempos sombrios expressem o oposto do que se entende por humanidade, a permanência das relações sociais que as produz se escora em uma ideia de futuro sem futuro, ou que se limita ao presente (Ford, 2019, p. 53-54).

No entanto, apesar desse cenário, em certa medida, desolador, percebemos sinais de um “mundo novo que deseja nascer”. O capitalismo contemporâneo nos revela um tempo histórico onde o “velho” e o “novo” se colocam em confronto direto. Por isso, ao lado do avanço do neoconservadorismo, presenciamos, também, importantes conquistas no campo dos direitos sociais, da cidadania, da liberdade. Avanços, estes, que provocam a ira dos reacionários e geram, conseqüentemente, manifestações de intolerância, desrespeito e desumanidade.

No Brasil, o processo eleitoral realizado no ano de 2018 e o governo Bolsonaro, de 2019 a 2022, expressaram esse cenário. Desse modo,

O ano de 2019 marca a chegada ao poder, pelo voto direto, de um presidente ultraconservador, que traz no seu plano de governo uma proposta econômica radicalmente liberal. [...] O ataque à diversidade humana, às conquistas das mulheres, à liberdade de imprensa, e tantas outras violências perpetradas, de modo velado ou explícito, são apresentadas como soluções para atuar junto às tensões oriundas dos conflitos de classes e da extrema desigualdade vivenciada no Brasil (Wanderley; Sant’ana; Martinelli, 2019, p. 209).

O governo Bolsonaro, no Brasil, não representou uma exceção na conjuntura mundial, ao contrário, ele expressa as tendências atuais de um processo de “putrefação” da realidade social, voltada para o apodrecimento dos valores e princípios verdadeiramente humanos. Essas tendências se manifestam nas novas expressões da questão social – que são fenômenos globais –, como: a situação dos imigrantes e refugiados; o revigoramento do nazifascismo; os diversos episódios de terrorismo, ódio e violência; o extermínio da juventude negra; a ampliação vertiginosa dos casos de feminicídio; entre outras.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Por tudo isso, esses tempos tão sombrios nos convocam a uma tomada de posição. Vamos ficar inertes, assistindo o “velho” se expandir mundo a fora; ou vamos “arregaçar as mangas” e somar forças no “parto do mundo novo”?

Para o florescimento de um novo mundo, que possa pôr fim às mazelas e às atrocidades produzidas por essa sociedade capitalista, os espaços coletivos (partidos políticos, sindicatos, movimentos sociais e populares) possuem um papel fundamental. Eles representam, historicamente, a resistência ao “velho” e o avançar do “novo”.

No entanto, para o presente artigo, vamos nos ater a um movimento social específico: o Movimento Estudantil. E trataremos esse movimento a partir das particularidades do campo do Serviço Social. Desse modo, o objetivo central das reflexões aqui apresentadas é demonstrar como o Movimento Estudantil de Serviço Social (MESS) vem sendo, historicamente, um agente muito importante nessa construção do “novo” que desejamos.

Para a apresentação dessas reflexões, nosso artigo se desdobra em quatro partes, além desta introdução: na primeira, apresentamos um breve resgate histórico da trajetória do MESS; na segunda, discorreremos sobre como MESS foi atuante no processo de construção e reconstrução do Serviço Social; na quarta abordamos os principais desafios que se colocam para o MESS, no contexto atual; e, na última, esboçamos nossas considerações finais, demonstrando a importância e o legado do MESS para a nossa profissão e para a construção de uma sociedade para além do capital.

O Movimento Estudantil de Serviço Social – breve resgate histórico

No Brasil, o Movimento Estudantil de Serviço Social assumiu uma nova configuração na década de 1970, a partir do processo de reestruturação da União Nacional dos Estudantes (UNE). Chegando ao fim os duros anos da ditadura militar, os estudantes de Serviço Social começaram a reorganizar suas entidades de base – Centros e Diretórios Acadêmicos.

Em 1978 aconteceu o I Encontro Nacional de Estudantes de Serviço Social (ENESS), que passou a ser realizado anualmente como instância máxima de discussão e deliberação dos alunos da área¹. No início dos anos de 1980 já se discutia a criação de uma entidade que intensificasse o contato com outras organizações do Movimento Estudantil, com a UNE, com outras executivas de

¹ Faz-se necessário destacar que um primeiro momento de organização dos estudantes de serviço social, se deu na década de 1960 – com a realização de um Encontro Nacional, em 1961, e com a criação da ENESSO, em 1963. Mas, este espaço organizativo foi extinto com o endurecimento do período ditatorial, pós AI 5, em 1968.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

curso e com as representações da categoria profissional². Essa discussão foi amadurecendo nos diversos fóruns estudantis e nas entidades de base. O marco do debate em torno da criação dessa entidade se deu no ENESS de 1986 (RJ), quando foi proposta a construção da SESSUNE (Subsecretaria de Estudantes de Serviço Social da UNE), partindo de um estatuto pré-elaborado por estudantes (Ramos; Santos, 1997). Alguns estudantes se posicionaram contra, alegando que ocorreria uma burocratização do MESS, por causa da sua vinculação com a UNE. Devido a essas polêmicas a SESSUNE só nasceu dez anos depois do primeiro encontro, no X ENESS, em 1988, no Rio de Janeiro (Paula, 2003).

A SESSUNE teve cinco anos de existência e, em 1993, a executiva nacional dos estudantes de Serviço Social passou por uma reconfiguração. Pelo fato dos alunos de Serviço Social discordarem, em sua maioria, das posições políticas da UNE, a SESSUNE foi extinta e ocorreu a criação da Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social (ENESSO)³. Essa nova configuração desatrelava o MESS da UNE e oferecia mais autonomia aos estudantes em suas decisões e encaminhamentos (Paula, 2003).

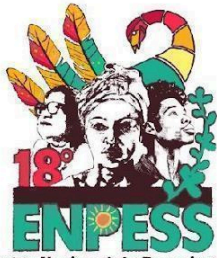
Podemos destacar como principais finalidades da ENESSO: articular os estudantes de Serviço Social junto aos movimentos sociais e populares; fomentar e potencializar a formação política dos estudantes de Serviço Social, bem como de suas entidades de base; coordenar e organizar os encontros estudantis, buscando a articulação com as demais entidades da categoria; garantir o contato dos estudantes de Serviço Social com a categoria dos assistentes sociais, suas entidades nacionais e outras executivas de curso.

Na trajetória histórica do MESS, é importante destacar que a gestão, da ainda SESSUNE, “Quem é de luta não cansa” - 1990/1991, realizou o 1º Seminário Nacional de Formação Profissional e Movimento Estudantil, com o tema: “A gente não quer só canudo”, em Recife. A partir de então, o Seminário passou a ser realizado pelo MESS, de forma anual, seja a nível nacional ou regional. Esse espaço se tornou um importante momento para que os estudantes de Serviço Social pudessem refletir e decidir sobre o seu processo de formação profissional (Paula, 2003).

Portanto, o MESS se organizava através de seus encontros: o ENESS - instância máxima de deliberação dos estudantes; o Conselho Nacional de Entidades de Base do Serviço Social

² Na época: Associação Brasileira de Ensino em Serviço Social (ABESS), Associação Nacional dos Assistentes Sociais (ANAS), Conselho Federal de Assistentes Sociais (CFASS).

³ A mudança do nome da entidade de SESSUNE para ENESSO foi aprovada na plenária final do XV ENESS, realizado em São Leopoldo, em 1993 (Ramos; Santos, 1997, p. 160).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

(CONESS) - reunião nacional dos CA's e DA's para deliberar a pauta do ENESS; o Encontro Regional de Estudantes de Serviço Social (ERESS) - instância máxima de deliberação das regiões; o Conselho Regional de Entidades de Base do Serviço Social (CORESS) - reunião dos CA's e DA's de uma mesma região para deliberar a pauta do ERESS; os Seminários - regional e nacional - de Formação Profissional.

Essa estrutura de no mínimo cinco encontros por ano em meio a uma conjuntura de cada vez maior desmobilização social tornou-se, nos anos 2000, um grande desafio para o MESS. Isso pode ser claramente percebido quando verificamos, desde os anos de 1990, um esvaziamento nos ENESS's e uma procura cada vez maior dos estudantes pelos Seminários de Formação Profissional. A clara preferência dos estudantes comprova uma opção pelo debate da formação profissional em detrimento do debate político. Seguindo a tendência da sociedade que abre mão dos espaços e das discussões políticas na busca pela qualificação profissional para fugir do desemprego.

A partir da década de 1990, o MESS incorporou, também à sua pauta, as discussões em torno da ética, gênero, raça, sexualidade, cultura etc. Os encontros do MESS passaram a não se constituir somente em um espaço de deliberações, mas, também, num espaço para ampliação da formação, do conhecimento, e de debate em torno do marxismo no Serviço Social, da questão agrária e urbana e outras temáticas pertinentes à formação.

O MESS posiciona-se, desde os anos de 1990, contra o projeto neoliberal e suas cruéis consequências na realidade brasileira: o descaso com a área social, o desemprego, a política recessiva, o desmonte das políticas sociais, etc. Nesta perspectiva, os protagonistas do MESS, vem demonstrando a sua posição política, juntamente com outros movimentos sociais e partidos políticos de esquerda, participando de greves, passeatas e manifestações contra as medidas econômicas e sociais de nossos governos. Esse posicionamento demonstra, claramente, o empenho do MESS em contribuir teórica e praticamente na construção de um projeto realmente democrático que possa implementar nova direção social, política e cultural em nosso país.

Por isso, a defesa de uma universidade pública, gratuita e de qualidade sempre esteve presente nos documentos produzidos pelo MESS. Em todos os encontros os estudantes sempre defenderam mais verbas para a universidade pública; participação da comunidade acadêmica e da sociedade no gerenciamento das verbas; posse dos reitores eleitos pelos segmentos universitários; destinação de verbas públicas exclusivamente para as universidades públicas, entre outras.

O curso de Serviço Social está inserido no espaço universitário sofrendo, assim, os reflexos da dinâmica desta instituição, suas crises e desafios diante da conjuntura atual. Diante disso, é possível perceber que, durante toda a sua trajetória, o MESS sempre demonstrou um esforço coletivo de articulação junto às entidades representativas da categoria, para debater os desafios postos para profissão em cada diferente conjuntura.

É importante ressaltar que o papel social do MESS não é algo fixo, imutável. Ele redefine-se diante de mudanças conjunturais e diante da própria reivindicação dos estudantes. No entanto, historicamente, sua missão social consiste em contribuir com a formação política dos futuros assistentes sociais e com a própria construção de nossa profissão. O próximo tópico do presente artigo tem por objetivo apresentar alguns elementos históricos que justificam essa afirmativa.

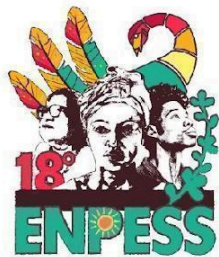
A contribuição do MESS no processo de (re) construção do Serviço Social

A organização ídeo-política dos estudantes de Serviço Social faz parte da histórica trajetória de lutas que nossa categoria profissional vem construindo ao longo dos anos, no Brasil. Em nosso país, o Serviço Social é o maior colégio de assistentes sociais da América Latina (BOSCHETTI, 2009). Suas principais entidades representativas – Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS) e Conselho Federal de Serviço Social (CFESS) – em articulação com a ENESSO possibilitaram a essa profissão diversos saltos qualitativos em sua trajetória.

O primeiro salto significativo do Serviço Social em direção à ruptura com o seu passado tradicional e conservador, ocorreu por meio do Movimento de Reconceituação⁴. Este movimento constituiu uma indagação global sobre todos os componentes e todas as dimensões do Serviço Social. Segundo Netto (2005), ele não teve mais do que uma década de existência – de 1965 a 1975 –, devido ao espriamento das ditaduras pelos países da América Latina, mas seus reflexos provocaram erosões irreversíveis nas bases de cunho tradicional do Serviço Social.

A preocupação central do Movimento de Reconceituação foi com a reconstrução do próprio Serviço Social, buscando a formulação de um novo projeto profissional atento às particularidades latino-americanas. Os profissionais buscavam criar um projeto profissional capaz de se contrapor

⁴ Ou *movimento de reconceptualização* (NETTO, 2002). “O marco inicial da Reconceituação foi o ‘I Seminário Regional Latino-Americano de Serviço Social’, realizado em maio de 1965 em Porto Alegre, com a presença de 415 participantes do Brasil, Uruguai e Argentina” (NETTO, 2005, p. 09).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

ao pensamento conservador – especialmente ao campo do positivismo e do funcionalismo –, buscando para isto novos fundamentos teórico-metodológicos e prático-interventivos para o Serviço Social, no campo da tradição marxista. Em meio a esse processo, Lopes (2019), destaca não só a participação, mas o protagonismo dos estudantes no Movimento de Reconceituação, identificando-os como elemento impulsionador desse movimento.

No ano de 1972 nós tivemos, no Brasil, a máxima expressão do Movimento de Reconceituação, em nossas terras: o “Método BH” – que teve a direção intelectual de Leila Lima Santos e Ana Maria Queiroga, professoras da Escola de Serviço Social de Belo Horizonte/MG⁵.

O movimento estudantil e os jovens ligados à esquerda católica de Minas Gerais possuem papel protagonista no desenvolvimento do “Método BH”. Esses alunos assumiram um papel central nesse processo, rompendo com a tradição católica conservadora e adotando posturas progressistas na escola mineira. Inclusive eles se posicionaram contra o novo currículo implementado em 1967 – que seguia as diretrizes do Ministério da Educação (MEC), dividindo o curso em dois ciclos: básico e profissionalizante, cada um com dois anos (CARVALHO; REIS; SANTOS, 2010).

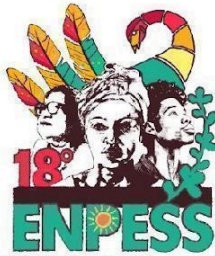
O Diretório Acadêmico (DA) Padre Agnaldo Leal (fundado em 1948) sempre teve relação com a igreja católica, especialmente por estar em uma instituição de ensino ligada a ela. E, por meio dessa relação, os alunos do Serviço Social aproximaram-se da Juventude Universitária Católica (JUC)⁶ e trouxeram para o seu processo formativo os ideais revolucionários do movimento⁷.

No início dos anos de 1970, os estudantes de Serviço Social, ligados à JUC e militantes no DA, passaram a organizar reuniões clandestinas com moradores das periferias de Belo Horizonte. Por meio dessas reuniões, os alunos do Serviço Social encaminhavam as demandas dos moradores para as Associações de Defesa Coletiva. Essas experiências foram fundamentais para o processo que deu origem ao “Método BH”.

⁵ O “Método BH” consistia em uma crítica teórico-prática ao tradicionalismo profissional (uma proposta de atuação profissional pautada nos referenciais marxistas que vinham sendo debatidos pelos assistentes sociais nos seminários da reconceituação) (CARVALHO; REIS; SANTOS, 2010).

⁶ As JUCs eram agrupamentos de jovens universitários, organizados sob jurisdição da Igreja Católica e supervisionados pelas paróquias locais, portanto sob a autoridade do padre, que seria um articulador das ações, especialmente junto à família – principal incentivadora da inserção da juventude no laicato.

⁷ A partir de 1958, especialmente as JUCs de Minas Gerais e Recife, passaram a construir uma atuação mais política – articulando-se com outros movimentos questionadores da realidade social e política do país. No Encontro Nacional de 1961, os jucistas discutiram a Revolução Cubana, a luta armada, a reforma agrária e a necessidade de superação do capitalismo. E, no mesmo ano, elegem um presidente católico da JUC para a presidência da UNE – Aldo Arantes.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Entretanto, em meio ao predomínio de uma prática profissional institucional, pautada em referenciais teórico-metodológicos conservadores, o “Método BH” sofreu imensas críticas e não conseguiu se consolidar como uma prática profissional no âmbito do Serviço Social (CARVALHO; REIS; SANTOS, 2010). Os alunos, então, iniciaram um processo de auto-crítica, repensando as possibilidades do “Método BH”. A escola sofreu sanções autoritárias, exigindo o abandono do método e os alunos então organizaram uma greve, em 1975, que fechou a escola de Serviço Social (CARVALHO; REIS; SANTOS, 2010).

Na reabertura da escola, em 1976, os estudantes ainda se mantinham coesos em sua crítica à nova proposta pedagógica imposta à comunidade acadêmica, que era marcada por ecletismo, ausência de rigor teórico e reacionarismo político. Por isso, o DA da escola foi fechado e manteve-se assim até 1977, por ordens superiores (CARVALHO; REIS; SANTOS, 2010). A articulação nacional do MESS, com a realização do primeiro encontro de 1978, estimulou a reorganização do DA nessa escola.

Nesse bojo, constatamos, também, o protagonismo dos estudantes de Serviço Social no III Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, que aconteceu em São Paulo, no ano de 1979, e ficou conhecido como “Congresso da Virada”⁸. Nesse evento os militantes do MESS uniram-se aos segmentos de assistentes sociais organizados nos sindicatos da categoria, articulados aos movimentos sociais e partidos políticos de esquerda, permitindo a mudança de rumo daquele congresso.

O III CBAS teve a possibilidade de reversão do conservadorismo, instalada em sua concepção e dinâmica, impulsionada pela ação dirigente e organizada das entidades sindicais e pré-sindicais, coordenadas pela CENEAS⁹, em uma ação coletiva unitária que publicamente assume a direção sociopolítica da profissão (ABRAMIDES, 2006, p. 124).

Por isso, torna-se absolutamente impensável compreender o “movimento da virada” que ocorreu no momento do III CBAS sem analisar o período de efervescência política que se instalava em nosso país a partir da década de 1970. Período em que se destaca o protagonismo do movimento estudantil nacional e a rearticulação do MESS.

⁸ Segundo Abramides e Cabral (1995, p. 168), o “Congresso da Virada” representou um marco histórico no embate com as forças conservadoras que estavam à frente daquele evento e mantinham a direção de entidades organizativas da categoria profissional.

⁹ Comissão Executiva Nacional de Entidades Sindicais e Pré-Sindicais de Assistentes Sociais fundada em setembro de 1979 e extinta em outubro de 1983, dando lugar à ANAS – Associação Nacional Pró-Federação dos Assistentes Sociais.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

A partir daí, quando a perspectiva marxista espraia-se pela categoria profissional dos assistentes sociais, chegando às direções das nossas entidades representativas (conjunto CFASS/CRASS e da ABESS), o MESS, e, posteriormente a SESSUNE/depois ENESSO, torna-se parceira imprescindível e incansável dessas entidades.

Os Encontros Nacionais de Estudantes de Serviço Social, realizados ao longo da década de 1980, foram responsáveis por divulgar junto aos estudantes os novos rumos do Serviço Social, defendidos e construídos processualmente pelos segmentos ligados à intenção de ruptura¹⁰.

Segundo Braz (2009, p. 717 e 718),

O movimento estudantil em Serviço Social foi parte ativa da renovação profissional que culminou no chamado projeto ético-político, despontando em seus momentos decisivos como na construção do Currículo Mínimo da ABESS em 1982, no Código de Ética de 1986 e, mais ainda, na reformulação do Código em 1993, nas lutas pela LOAS (Lei Orgânica da Assistência Social), pela nova regulamentação da profissão em 1993, entre outros avanços e conquistas.

Ao longo da década de 1980, o Serviço Social voltou-se para as questões que envolviam a formação profissional dos assistentes sociais – processo que culminou na reformulação curricular de 1982. Dentro do MESS não foi diferente, nesse mesmo período os estudantes começam a se aproximar da categoria profissional e, principalmente, da ABESS¹¹. A partir daí, a participação dos alunos nos espaços institucionais tornou-se uma constante.

No 1º Seminário Nacional de Formação Profissional, promovido pela terceira gestão da SESSUNE, no início dos anos de 1990, os estudantes criaram uma Campanha Nacional pela Formação Profissional, tendo como tema “A gente não quer só canudo”. Na gestão seguinte a campanha se concretizou por meio da elaboração de um anteprojeto¹² que defendia a reestruturação da formação profissional do assistente social no Brasil. Esse anteprojeto configurou-se na efetiva e concreta participação dos estudantes de Serviço Social no processo de construção das Diretrizes Curriculares da ABEPSS, no ano de 1996¹³.

¹⁰ Entre as três vertentes presentes no Processo de Renovação do Serviço Social no Brasil, aquela denominada “intenção de ruptura” constituiu-se a partir das influências do Movimento de Reconceituação.

¹¹ Profissionais e estudantes se reuniram para pensar uma proposta curricular que respondesse às novas demandas que estavam sendo colocadas para a profissão, aos questionamentos no âmbito da ação profissional, às transformações na sociedade, tendo por base uma teoria consistente que respaldasse esses fundamentos.

¹² Este anteprojeto teve importância fundamental para o MESS, tanto pelo seu conteúdo, quanto por ter iniciado uma prática de elaborar documentos e textos sistematizados que hoje registram sua memória histórica.

¹³ As Diretrizes Curriculares foram aprovadas em 1996, numa assembleia da ABESS, após intensa discussão coletiva da categoria profissional. Entretanto, os assistentes sociais padeceram diante da aprovação dessas diretrizes por parte do Ministério da Educação – MEC. Essa aprovação só se materializou por meio da resolução nº 15, de 13 de março de 2002.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Outra questão importante na esfera da formação profissional foi a criação da coordenação nacional de representante estudantil em ABESS/ABEPSS. A coordenação de formação profissional que, no ENESS de 1995, transformou-se em mais um cargo da coordenação nacional da ENESSO, contribuiu decisivamente para uma maior articulação entre os representantes estudantis de ABESS/ABEPSS com entidades do MESS, à medida que incentivava a formação profissional como questão totalmente interligada à formação política dos dirigentes estudantis de Serviço Social. Esse processo avançou e hoje, toda gestão da ABEPSS possui representantes discentes de graduação e pós-graduação, tanto em nível nacional, quanto em âmbito regional.

Os episódios, eventos e momentos históricos, aqui sumariamente apresentados, demonstram o quanto o MESS tem sido fundamental no processo, tanto de reconstrução do Serviço Social, especialmente nos momentos de ruptura com o seu passado conservador, quanto de construção de um novo projeto de profissão alicerçado no campo crítico marxista.

Essa trajetória não se construiu sem desafios e contradições. Entretanto, nenhuma conjuntura, desde o processo de reorganização do MESS, no final da década de 1970, tem colocado tantos enfrentamentos a esse movimento, quanto a atual. É sobre alguns desses desafios que discorreremos no próximo item desse artigo.

Os desafios atuais que se apresentam ao Movimento Estudantil de Serviço Social

O século XXI chegou trazendo um amálgama de desafios ao Movimento Estudantil de Serviço Social. Destacamos, no entanto, que esses desafios não são específicos do MESS; eles se apresentam ao próprio Serviço Social e às conjunturais nacionais, onde se inserem essa profissão – como destacamos na introdução desse artigo.

Alguns desses desafios são: os avanços das tendências neoconservadoras, em suas mais variadas vertentes, provocando, desde a desmobilização, a falta de interesse político, a negação de espaços coletivos, até a incorporação de “modismos” trazidos pelos “novos movimentos sociais”¹⁴.

Entre esses “modismos” podemos destacar a defesa do *empowerment* ou “empoderamento”¹⁵. Junto aos “novos movimentos sociais” – surgidos ou ressurgidos nas décadas

¹⁴ No que se refere aos “novos movimentos sociais”, DOIMO (1995) nos aponta que: a novidade fundamental dos novos impulsos movimentistas da sociedade contemporânea está precisamente no fato de se originarem fora da esfera produtiva e dos canais convencionais de mediação política, em espaços fortemente marcados por carências referidas ao vertiginoso crescimento e crise do Estado capitalista.

¹⁵ A origem do conceito de *empowerment* encontra-se no contexto da Reforma Protestante desencadeada por Lutero no



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

de 1970 e 1980, no Brasil – o *empowerment* vem sendo largamente adotado. Em grupos que lutam contra a discriminação – seja pela questão racial, de gênero, sexualidade, entre outras – o empoderamento dos sujeitos tem sido levantado como uma estratégia capaz de aumentar a força política e social desses indivíduos. Assim, o *empowerment* tem sido muito utilizado como metodologia dentre esses movimentos.

O empoderamento “sugere um enfoque na capacitação individual dos sujeitos na sua relação com as estruturas sociais opressoras” (AMARO, 2008, p. 74). Desse modo, percebemos que esta abordagem não aponta para a necessidade de transformação das estruturas sociais, mas para a mudança de postura dos indivíduos, considerados oprimidos, para que esses possam romper com a sua condição de opressão.

Mas, em nossa sociedade capitalista, os trabalhadores não possuem condições reais e concretas para interromper o processo de exploração/opressão, ao qual estão submetidos. Encontram-se aprisionados à necessidade de venda da sua força de trabalho e enredados em processos de alienação. Portanto, o empoderamento se revela como uma falácia, uma vez que as transformações societárias só podem ser construídas por meio das ações coletivas e organizadas que confrontem as estruturas da sociedade e não através da alteração de posturas e trajetórias individuais de vida.

Nessa tônica, o espraiamento do pensamento pós-moderno no Serviço Social e, novamente, nos movimentos sociais – especialmente aqueles de caráter identitários – também traz desafios ao MESS. Dessa maneira, entendemos que os movimentos identitários são aqueles que, segundo Almeida (2019 apud MORAIS, 2020, p.84), colocam a identidade dos indivíduos no centro das discussões em detrimento de uma perspectiva de transformação da realidade social que molda as próprias identidades e suas vivências no contexto da sociedade capitalista.

Assim, esses “modismos” se desenvolvem em um contexto denominado pela marxista Dean (2009;2019 apud MORAIS, 2020, p.86) de “capitalismo comunicativo”, sendo esse a materialização dos ideais de inclusão e participação social nas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC’s). É justamente nesse ponto que podemos compreender a relação e a influência dos movimentos identitários e do ensino à distância para a desmobilização do MESS.

Por conseguinte, vamos entender o crescimento dos movimentos identitários como

século XVI, quando a livre tradução da bíblia para o alemão permitiu que as pessoas compreendessem seus escritos, apropriando-se do seu conteúdo. Assim, o *empowerment* nasce como uma ideia de protagonismo das pessoas que passam a ter, na religião, uma postura mais ativa e participativa (MEIRELLES; INGRASSIA, 2006).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

estratégia ideológica neoliberal. É que o Nancy Fraser chama “neoliberalismo de esquerda” ou “progressismo”, formando alianças entre os “novos movimentos sociais” e o capitalismo financeiro (2017 apud MORAIS, 2020, p.85). Assim, essa conciliação forma-se a partir de discursos idílicos que podemos ver em períodos como junho, o mês do Orgulho LBTQIAP+, no qual grandes empresas promovem campanhas que não fazem nada além de monetizar e se promover a partir das pautas identitárias, além de, por meio da ideologia dominante, se distanciar cada vez mais de uma perspectiva de ruptura com a sociedade burguesa.

Todo o drástico cenário atual, sucintamente apresentado em nossa introdução, reflete muitos dos ecos do pensamento pós-moderno¹⁶, que ecoam em nossa sociedade como a expressão cultural de todas estas mudanças em curso. De acordo com Magalhães (2004, p. 72), “nesse sentido é que o capitalismo revela sua feição pós-moderna”. Uma feição fragmentada, pois atomiza cada vez mais indivíduos que se distanciam da sua identidade de classe e da referência nas possibilidades de organização política.

Assim, a sociedade atual, chamada por muito de “pós-moderna”, se esforça para substituir o pensamento universal pelas microanálises locais, “particularizando não só o conhecimento, mas a própria condição humana” (MAGALHÃES, 2004, p. 83).

A perspectiva teórica estimulada pelo pensamento e programática neoliberal sustenta-se pela concepção da pós-modernidade, como novo tipo de dominação ideológica na esfera da cultura. Essa ideologia invade o conhecimento, as universidades pela negação das teorias estruturantes macro-históricas, e a teoria social de Marx é negada sob alegação da crise de paradigmas (ABRAMIDES, 2006, p. 218).

O pensamento pós-moderno refuta qualquer possibilidade de conhecimento totalizante porque defende a singularidade e especificidade dos fenômenos sociais como expressões isoladas e fragmentadas, sem inter-relação entre si. As teorias pós-modernas não se debruçam sobre o processo de constituição do real; não estão interessadas na apreensão do movimento efetivo do objeto, e sim no modo como esse objeto é assimilado pelas consciências – o centro da questão passa a ser as formas simbólicas de como o real é percebido por cada um dos indivíduos.

Neste sentido, a “pós-modernidade” propõe o abandono da determinação classista e do sujeito revolucionário em detrimento das identidades culturais e da pluralidade. Para os

¹⁶ “Há muito já se decretara o fim da modernidade. Em 1954 Toynbee utilizou o conceito como significando uma nova era ou um novo ciclo histórico, e Charles Jenks datou, como o fim da modernidade, o início da década de 70. Todavia, desde a década de 30 já se fazia uso do termo *pós-moderno* no mundo hispânico, pelo menos ‘uma geração antes do seu aparecimento na Inglaterra e nos Estados Unidos’. Teria sido um amigo de Unamuno e Ortega y Gasset, Federico de Onís, que o utilizara para ‘descrever um refluxo conservador dentro do próprio modernismo’. Sua difusão, no entanto, só ganha amplitude a partir dos anos 70” (MAGALHÃES, 2004, p. 61).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

pós-modernos é impossível pensar a sociedade atual a partir de, somente, duas únicas classes principais. Nessa concepção, existe, hoje, uma infinidade de identidades sociais, definidas pela raça, pela etnia, pelo gênero, pela orientação sexual, pela idade, pela moda, pelo gosto musical, pela religião etc. A identidade de classe apresenta-se apenas como mais uma em meio a tantas outras, hoje, disponíveis no “mercado das identidades”¹⁷.

Desta forma, no pensamento pós-moderno os conceitos de revolução e de transformação social são abandonados e substituídos pela ideia da micropolítica, do poder microfísico. Os interesses universais e classistas são substituídos por objetivos grupais específicos e localistas.

O MESS, em muitos momentos tem embarcado nas “ondas pós-modernas”, deixando-se seduzir pelo discurso das identidades, em detrimento de uma perspectiva classista; e pelo debate das opressões, em substituição à compreensão dos processos de exploração dos sujeitos. As pautas levantadas e defendidas por influência do pensamento pós-moderno – aparentemente radicais –, na verdade, revelam o completo abandono do único campo que propõe a superação da sociedade capitalista: a tradição marxista. Portanto, faz-se urgente e necessário que os militantes do MESS busquem estudar e se apropriar do pensamento marxiano e marxista, para fazer resistência à sedução “pós-moderna”.

No entanto, esse processo reflexivo, de acúmulo de conhecimento, também se coloca, hoje, como um desafio para o MESS. As atuais exigências de produtividade fazem com que muitos estudantes de Serviço Social prefiram e/ou precisem dedicar o seu tempo à atividades que podem abastecer o seu *currículo lattes*. Com isso, acaba sobrando pouco – ou nenhum – tempo para as atividades de militância e essa deixa de ser percebida como uma possibilidade, também, de formação para o futuro assistente social.

Essa falta de tempo para as atividades da militância se agrava, na atual conjuntura, devido às mudanças significativas que ocorreram no perfil dos estudantes de Serviço Social que compõem um coletivo extremamente heterogêneo. Muitos alunos são também trabalhadores/empregados e/ou casados – ou em relações afetivas que lhes colocam outras responsabilidades, como filhos, cuidados com a casa, etc. Essas questões lhes ocupam com diversas tarefas que competem com as exigências da formação acadêmica afastando, muitos deles, das atividades desenvolvidas pelo MESS.

¹⁷ O conceito de identidade “(...) afirma ter a virtude de, ao contrário das noções ‘reducionistas’ ou ‘essencialistas’ como classe, ter a capacidade de – igualmente e sem preconceito ou privilégio – abranger tudo, desde gênero a classe, de etnia até raça ou preferência sexual. A ‘política da identidade’ afirma então ser mais afinada em sua sensibilidade com a complexidade da experiência humana e mais inclusiva no alcance emancipatório do que a velha política do socialismo” (WOOD, 2003, p. 220 e 221).

A expansão do ensino privado, especialmente da modalidade à distância, também traz novos desafios ao MESS. Esses alunos, especificamente, vinculados ao ensino à distância (EAD), não possuem a oportunidade do convívio propiciado pela modalidade presencial. Essa ausência de uma dinâmica cotidiana que lhes permita debates e reflexões constantes, não favorece que os alunos do EAD tenham as mesmas oportunidades e contatos com o MESS.

Somada a essas circunstâncias, vivenciamos a Pandemia da COVID-19, que resultou na adoção do Ensino Remoto Emergencial em mais de 50 Universidades Federais (JORNAL DO CAMPUS, 2020) do país. Ora, se o MESS já era impactado pela influência dos movimentos identitários e do pensamento pós-moderno, o ambiente virtual fez com que os ideais propagados pelo “capitalismo comunicativo” fossem divulgados de forma cada vez mais ampliada. Assim, concebemos que o chamado “neoliberalismo de esquerda” ocorre enquanto uma estratégia do capital para desmobilizar a classe trabalhadora causando, inclusive, competições entre movimentos com pautas identitárias diferentes, descartando completamente o caráter coletivo dos movimentos sociais, deixando de lado a perspectiva de unidade da classe trabalhadora.

Ainda sobre a Pandemia, segundo levantamento fornecido pela ABEPSS no ano de 2021 a respeito dos impactos do ensino à distância, 59,4% das Instituições de Ensino de Serviço Social analisadas observaram um índice de evasão da Universidade que variou de 10% a 40% (ABEPSS, 2021, p.49). Além disso, a pesquisa constatou que 36,8% dos discentes dos cursos de Serviço Social avaliaram sua saúde mental como “muito ruim” (ABEPSS, 2021, p.59). Logo, é possível levantar a hipótese de que as dificuldades de inserção e permanência das alunas de Serviço Social nas Universidades foram fatores que dificultaram a inserção de discentes no MESS.

Por fim, um último desafio histórico, enfrentado pelo MESS refere-se à rotatividade dos seus militantes. O MESS possui a particularidade de ser composto por estudantes, o que implica constatar que os seus militantes são temporários/passageiros. Esse é um grande desafio, porque tal rotatividade pode fazer com que elementos históricos desse movimento se percam nos processos de transição. Para que isso não aconteça, o MESS exige um real compromisso dos estudantes com a sua memória. Por isso, os militantes do MESS precisam estudar e se apropriar da trajetória histórica desse movimento, com a responsabilidade de transmiti-la às novas gerações que chegam.

Mas, esse movimento só irá acontecer se os estudantes do Serviço Social compreenderem, de fato, as imensas contribuições que o MESS tem oferecido, historicamente, aos seus agentes. É sobre essa questão que nos debruçaremos em nossas considerações finais.

Considerações finais

Para a finalização desse artigo, gostaria de destacar que, de fato, a experiência da militância vivida no âmbito do MESS, pode contribuir, de maneira diferenciada e significativa, para a formação do assistente social. As defesas historicamente construídas pelo MESS se articulam organicamente com os princípios e valores defendidos pelo Serviço Social, em seu projeto ético-político. Portanto, os estudantes que vivenciam uma experiência no MESS, conseguem ter, em sua maioria, muito mais clareza do papel e da função social de nossa profissão (Paula, 2003). Com isso, afirmamos que o MESS oferece uma real contribuição ao processo de formação dos futuros assistentes sociais.

Por outro lado, como buscamos demonstrar em nosso artigo, é fato que o MESS, ao longo de sua história, muito contribuiu para o desenvolvimento do Serviço Social – para a construção e a reconstrução dessa profissão. Mas, talvez a contribuição mais emblemática que o MESS tenha oferecido ao Serviço Social, ao longo dos anos, tenha sido a formação de uma vanguarda aguerrida que segue defendendo o nosso projeto ético-político profissional.

Percebemos, hoje, que muitos assistentes sociais que ocupam lugares estratégicos nas nossas entidades representativas e no campo da produção de conhecimento, são fruto do MESS. Portanto, para além de todas as contribuições anteriormente destacadas que o MESS ofereceu ao Serviço Social, concluímos que o seu maior aporte tem sido a formação/preparação dos sujeitos que tem assegurado à nossa profissão um direcionamento crítico e um horizonte de ruptura com a ordem do capital.

E, para finalizar, convidamos todos os estudantes de Serviço Social para se aproximarem desse movimento. Precisamos celebrar as suas conquistas, mas, acima de tudo, lembrar, sempre, a sua história, marcada por um constante convite à rebeldia!

Referências Bibliográficas

<https://www.abepss.org.br/noticias/abepss-publica-monitoramento-sobre-o-ensino-remoto-emergencial-577>

ABRAMIDES, M. B. C.; CABRAL, M. S. R. **O Novo Sindicalismo e o Serviço Social** - trajetória e processos de luta de uma categoria: 1978 – 1988. São Paulo: Cortez, 1995.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

ABRAMIDES, M. B. C. **O projeto ético-político profissional do Serviço Social brasileiro.** Tese de Doutorado em Serviço Social – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

AMARO, M. I. **Os campos paradigmáticos do Serviço Social:** proposta para uma categorização das teorias em presença. In: *Locus Social*, nº 01, 2008.

BOSCHETTI, I. **Começaria tudo outra vez se preciso fosse.** In: *Serviço Social e Sociedade*, nº 100. São Paulo: Cortez, 2009.

BRAZ, M. **O III CBAS de 1979:** a virada e o seu legado às novas gerações. In: *Serviço Social e Sociedade*, nº 100. São Paulo: Cortez, 2009.

CARVALHO, C. C. de; REIS, L. D. R.; SANTOS, T. B. **Um passo à frente e você não está mais no mesmo lugar** – a participação do movimento estudantil no método BH. Anais do XIII CBAS – Brasília, 2010.

DOIMO, A. M. **A vez e a voz do popular:** movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70. Rio de Janeiro: Relume Dumarã, 1995.

FORD, J. V. **O Serviço Social e o debate sobre tempo, história e memória.** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sssoc/n134/0101-6628-sssoc-134-0052.pdf>. Acesso em: 21 de junho de 2019.

<https://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2020/09/o-enfrentamento-da-pandemia-pelas-universidades-federais/>

LOPES, J. B. **50 anos do Movimento de Reconceituação do Serviço Social na América Latina:** a construção da alternativa crítica e a resistência contra o atual avanço do conservadorismo. Disponível em: [file:///C:/Users/lugpp/Downloads/5054-15730-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/lugpp/Downloads/5054-15730-1-PB%20(1).pdf). Acesso em: 21 de junho de 2019.

MAGALHÃES, F. **Tempos Pós-Modernos** – a globalização e as sociedades pós-industriais. São Paulo: Cortez, 2004.

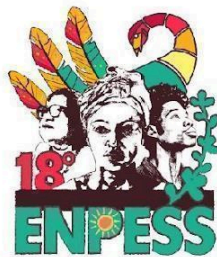
MORAIS, L. B. V. Lugar de fala, política identária e seus reflexos na práxis da esquerda. *Rev. Sem Aspas*, Araraquara, v. 9, n. 1, p. 80-96, jan./jun., 2020. e-ISSN: 2358-4238. DOI: <https://doi.org/10.29373/sas.v9i1.13939>

MEIRELLES, M.; INGRASSIA, T. **Perspectivas Teóricas acerca do empoderamento de classe social.** In: Revista Eletrônica “Fórum Paulo Freire”, ano II, n.2, 2006.

NETTO, J. P. **Ditadura e Serviço Social:** uma análise do Serviço Social no Brasil pós-64. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **O Movimento de Reconceituação** – 40 anos depois. In: *Serviço Social e Sociedade*, n. 84, ano XXVI. São Paulo: Cortez, 2005.

PAULA, L. G. P. de. **“SE MUITO VALE O JÁ FEITO, MAIS VALE O QUE SERÁ...” Movimento**



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Estudantil de Serviço Social: Caminhos Históricos e Contribuições na Formação Profissional. Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade de Serviço Social/UFJF, ano de 2003.

PINTO, C. C. G. **Representações e Práticas do Empowerment nos trabalhos sociais.** Tese de Doutorado em Ciências Sociais na Especialidade de Política Social – Universidade Técnica de Lisboa, 2011.

RAMOS, S. R.; SANTOS, S. M. M. **Movimento Estudantil de Serviço Social:** parceiro na construção coletiva da formação profissional do (a) Assistente Social brasileiro in: Cadernos ABESS, n. 7. São Paulo: Cortez, 1997.

WANDERLEY, M. B.; SANT'ANA, R. S.; MARTINELLI, M. L. **Os desafios do atual contexto:** um diálogo a partir da seguridade. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sssoc/n135/0101-6628-sssoc-135-0207.pdf>. Acesso em: 21 de junho de 2019.

WOOD, E. M. **Democracia contra capitalismo.** Rio de Janeiro: Boitempo, 2003.